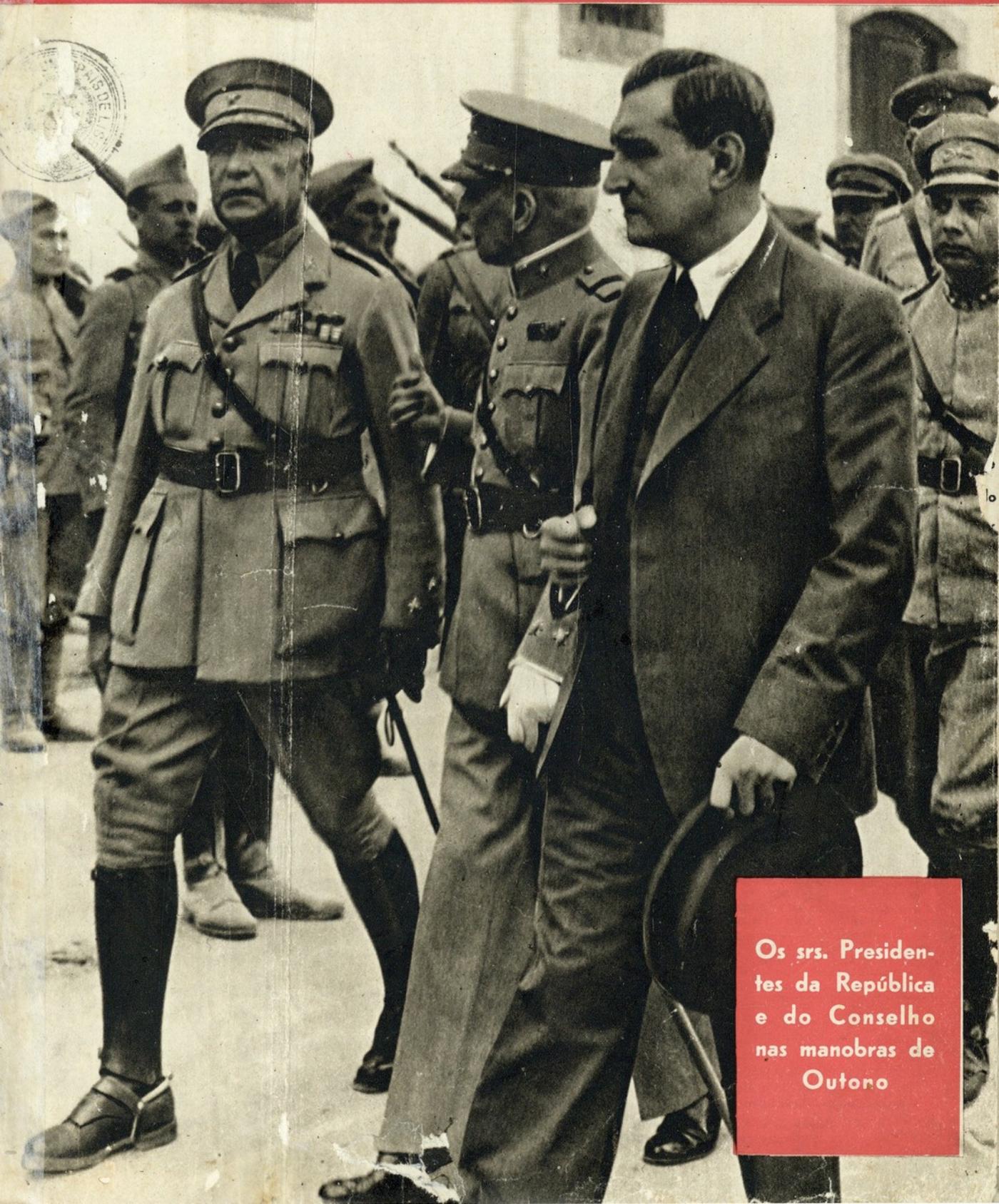


fev. 341 338

1 343

MUNDO GRÁFICO



Os srs. Presidentes da República e do Conselho nas manobras de Outono



O GRANDE CHURCHILL

VEJO-O ainda na minha frente, na sua poderosa arquitectura humana, agarrado ao charuto coberto de cinza e à materialidade dos factos que, severamente, expunha.

Estávamos a um mês da guerra, e Churchill, como se tivesse antenas na sensibilidade, afirmava que, fatalmente, o conflito se desencadearia no prazo de trinta dias.

E foi assim! Não se enganava. A nossa entrevista foi como que o prefácio jornalístico do actual conflito. Fez correr muita tinta. Houve os que se assombraram com a sua gravidade, enquanto outros discutiam a «maneira», muito ao «estilo inglês», sem o protocolo formal que é de uso em casos tais.

Churchill, que nos havia recebido numa hora de intimidade, confirmou mais tarde a entrevista num eloquente e dramático discurso na Câmara dos Comuns, derradeiro aviso aos optimistas, e que retiniu, no mundo, crepitante, estridente, como uma campainha de alarme. Mais tarde essa entrevista foi mostrada ao hoje primeiro ministro, que deve ter sorrido, lembrando-se que também fora jornalista, até mesmo nas indiscrições.

«Churchill, nem qualquer dos vossos amigos do British Council pensou alguma vez, seriamente, que você os tivesse mal interpretado escrevia-nos dias depois O'Brien, chefe dos serviços de Imprensa daquele organismo.

Este incidente, velho dum ano, vale talvez hoje a pena recordar, numa homenagem ao homem que dirige os destinos do império inglês, e que é, por assim dizer, um reflexo da sua eternidade.

Pitt, Disraeli, Gladstone encarnaram alguns dos mais belos períodos da história do seu país, não isentos como este de perigos e de lutas. Churchill pertence a essa linhagem de figuras vivas, de estátuas de bronze orgulhosas, que guardam o velho palácio tudoresco de Westminster. Hoje, ele é a Inglaterra, na sua imagem de sempre, o leão que, cravando as garras no seu rochedo Atlântico, sacode a juba, abrindo num arroganho de combate as suas fauces gigantesca!

A. P.

PORTUGAL sobre o Atlântico

Foi Portugal, vértice da Europa, o primeiro a compreender a importância vital do Atlântico.

Delineou-lhe os contornos geográficos ao longo da África, e das duas Américas, abrindo passagem para todas as outras regiões do globo.

Os mares e os continentes são um pouco como os indivíduos. Têm períodos de apogeu e agudas crises de decadência.

Centro de comunicações planetárias, eixo político da Renascença, empório do tráfico comercial, o grande mar como que sofreu, nas últimas décadas, um eclipse na sua importância.

Outros recortados por nações de maior extensão territorial, desviaram-lhe em parte os seus itinerários mercantes, adquirindo uma preponderância estratégica superior.

Os últimos acontecimentos, porém, vieram pôr em foco a sua importância transcendente.

O centro de gravidade planetária como que tornou a incidir sobre as suas águas. Voltou a ser a veia jugular do mundo, a chave dos três continentes que o limitam.

A diplomacia, a guerra e a paz, a economia e a indústria, concentram-se agora, na sua superfície, buscando a solução dos mais graves problemas.

Os Estados Unidos aproximam-se da Europa, procurando os triângulos da sua defesa aérea e naval. A Inglaterra percorre-o com as suas poderosas esquadras. Outros países interrogam-se e interrogam-no.

Por outras palavras, o velho continente é hoje o Atlântico — e dele depende tudo.

Portugal, ao qual se deve a, civilização atlântica, olha-o tranqüilamente.

Conhece-o, compreende-o, ama-o! Cada estância dos Lusíadas é uma das suas vagas. Se tivesse voz, já alguém o disse, só podia ser lusíada!

Somos uma das raras janelas da Europa abertas sobre o grande mar — janela banhada por um doce e calmo sol que nunca, em qualquer época da História, se cerrou.

Sobre ele, Portugal vive e trabalha numa admirável obra de reconstrução nacional, confirmando uma vez mais a sua vocação marítima e o seu glorioso destino.

Paderewsky



O grande pianista Paderewsky chegou há dias a Lisboa, de viagem para os Estados Unidos. Atravessou duas guerras, assistiu à ressurreição da Polónia, e agora

ao eclipse que a ensonbra. Há nele como que toda a grandeza e fatalidade da sua pátria — de que é um fragmento glorioso. Nenhuma tempestade, a não ser a que as suas mãos maravilhosas, musicalmente, desencadeiam, vergou ainda a sua alta estatura. O que vai ele tocar a New-York, cortando a música fabril da cidade gigantesca, com as suas harmonias de ouro, de génio romântico? Talvez Chopin, cujo coração coberto de cinzas, o fogo consumiu numa chama tão rútila, que os olhos a fixam ainda!

O Papa reza

O principio da guerra disse-se que o papa pagava os erros tremendo da humanidade, cumprindo uma rigorosa penitência.

Nunca mais dormiu no seu leito, mas numa dura e nua tábua concentrando o seu alto espírito na oração. Os lábios ressequiam-se-lhe e ele continuava, como continua hoje, de-certo, a implorar a Deus paz e justiça para os povos e para as nações.

Os seus discursos, e as suas encíclicas, limpadas de verdade eterna, fizeram sentir ao mundo, que se debate na mais trágica das conflagrações, quando há na sua consciência de dor e de sofrimento.

Depois calou-se, mas nem por isso Pio XII deixa de ser um símbolo, uma esperança, um refúgio e uma certeza. Deus, pela sua boca, voltará a falar.

«Mundo Gráfico»



Modestamente vimos ocupar nosso lugar na Imprensa portuguesa. Conta o costume, não apresentamos qualquer programa. O nosso ideal é o dos

superiores destinos da Pátria na definição de Salazar, a quem Portugal deve a sua paz externa e a sua paz interna. Não esqueçamos as nossas amizades tradicionais, nem a que devemos ao espírito cristão, com o qual nasceu a nossa independência e se formou o nosso império, repartido pelas cinco partes do mundo. Pretendemos dar ao público uma revista viva, actual, moderna, que o distraia com o mínimo de pensum literário, mas com algumas ideias e bastantes imagens de modo a justificar, plenamente, o seu título «Mundo Gráfico».

A todos os colegas endereçamos as mais efusivas saudações, com a afirmação dumal leal e sincera camaradagem.

Portugal ilumina o mundo

O Governo concedeu uma verba de 300 contos para se construir, no Faial e no Pico, dois faróis que possam ser utilizados pela navegação aérea.

Uma luz é sempre uma alma, que luta com a escuridão, estrêla que, mesmo presa à terra, parece uma presença do céu — de Deus.

Numa Europa apagada e triste, Portugal ilumina o mundo. Como que reza no meio do Atlântico cristamente, na sua capelinha mais alta, entre os ex-votos gloriosos do passado — que todos se cumpriram.

Um rei



O midship da Jutlândia é hoje rei de Inglaterra. Ele-lo no seu posto, à cabeça dum império, símbolo humano dum grandeza e dum poder, que não têm paralelos na

terra. E, no entanto, Jorge VI não deixa de ser um soldado, como qualquer outro do seu país ou um daqueles *dozers* que, nos molhes do Tamisa defendem valorosamente, os entrepostos da lava aérea, o famoso trinitrotolual, que cai em catadupas dos céus nocturnos. Apesar de tudo continua em Londres, sofrendo com a sua população os traumas da guerra. Vêmo-lo nas fotografias, calmo, sereno, imperturbável, entre destroços fumegantes, ou conversando com as gentes dos bairros pobres que o aclamam. A seu lado, a rainha Isabel, sorriso heróico de doçura e de beleza, com seu diadema, que não parece de ouro, mas de ferro, forjado pelo que há de mais nobre e puro na alma da mulher inglesa. O rei está na primeira linha de fogo.

Eis um rei que sabe ser homem, e um homem que sabe ser rei!

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^{da}

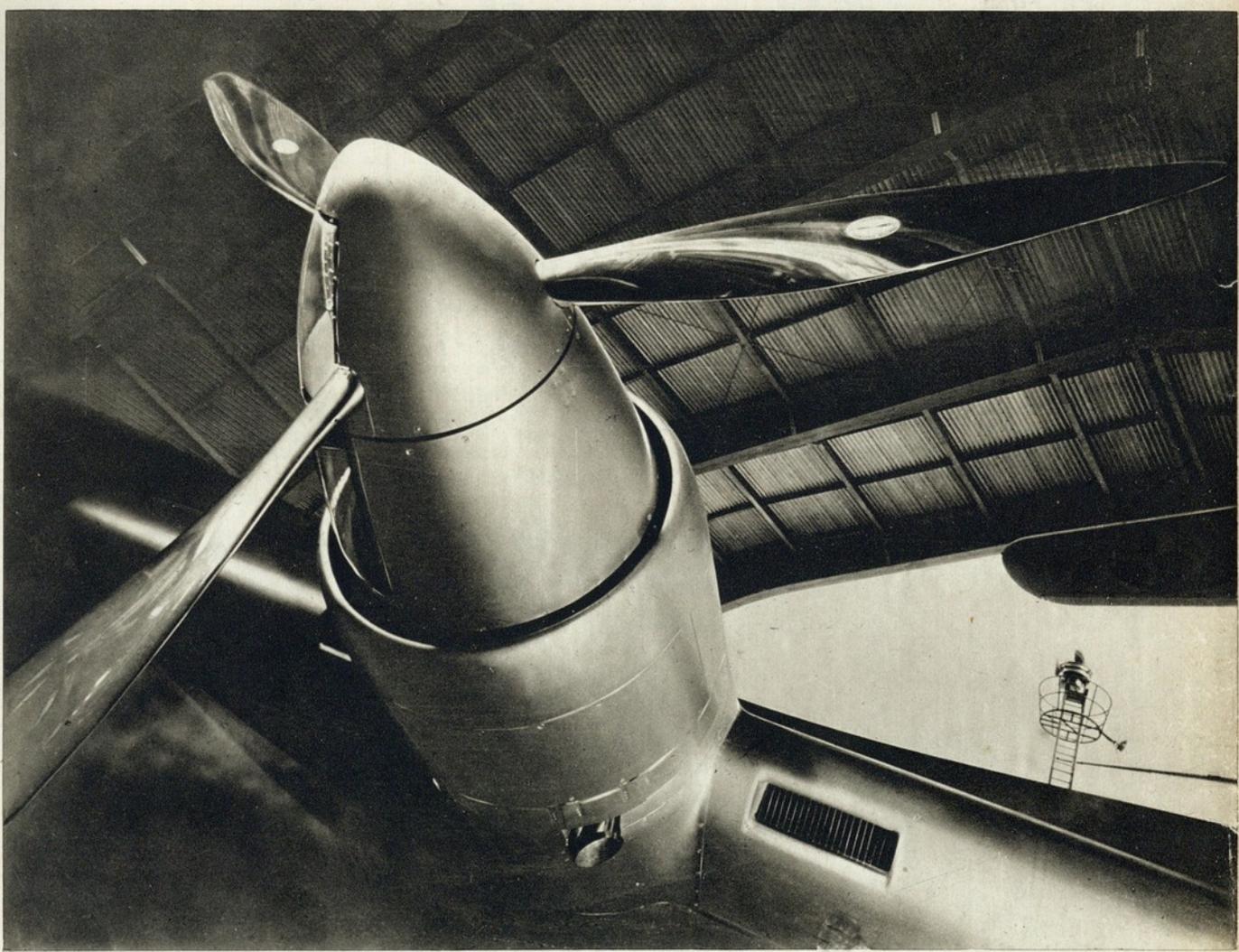
Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^ª, Travessa de Oliveira à Estrela, 4 e 6

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



UM «CAVALO» DE RAÇA

O EXÉRCITO DO AR

Portugal, por tudo quanto caracteriza a sua existência de Império,
deve ser um país de aviadores

Também Portugal compreendeu o papel económico, social e militar da Aviação na vida moderna. E neste ano em que a pátria portuguesa comemora oito séculos de gloriosa existência, justo é destacar — e tudo quanto se diga e escreva é pouco para enaltecê-lo, tão raras vezes o assunto bem merecido a atenção dos que não são aviadores — o lugar de justo relêvo conquistado pelos nossos aeronautas e o carinho com que o Governo tem procurado solucionar o magno problema da orgânica da aviação nacional. Não cabe aqui historiar o contributo dos

portugueses para o progresso da aviação, duma maneira geral, e da navegação aérea em particular. Só a obra extraordinária de Gago Coutinho e de Jorge de Castilho dar-nos-ia ensejo de um longo trabalho de divulgação — infelizmente ainda por fazer. E dizemos infelizmente porque, por exemplo, logo após o famoso «raid» de Lindbergh — que cientificamente ficou muito àquém dos aviadores do «Lusitania» e do «Argos» — publicou-se nos Estados Unidos um curioso volume para crianças, profusamente ilustrado, descrevendo a vida e a célebre façanha

do herói norte-americano. Intitulou-se «The boy's story of Lindbergh, the lone eagle» e foi distribuído aos milhões. Em Portugal, Gago Coutinho popularizou-se, mas o verdadeiro significado da sua obra pertence à curiosidade de raros apaixonados pelas questões aeronáuticas. Jorge de Castilho, que com o sábio almirante defendeu uma tese num Congresso Internacional de Navegação Aérea é muito menos conhecido que o mais vulgar jogador de futebol.

Mas isto pertence ao passado e é o presente que, agora, justamente devemos anali-

zar. Sobretudo, interessa particularmente definir o progresso da nossa aviação nos últimos anos. Não atingimos, evidentemente, a estabilidade orgânica que todos nós desejaríamos e estamos mesmo, muito longe dela. Mas a obra realizada é alguma coisa que merece atenção.

Ainda há muitos poucos anos as estatísticas revelavam um potencial quantitativo e qualitativo de material aeronáutico que nos envergonhava como nação e muito mais como potência colonial. Os nossos aviões só à custa de habilidosos artificios dos mecânicos e da temeridade dos aeronautas conseguiram vencer — e com que dificuldade! — as etapas necessárias para a ligação da metropole com as possessões ultramarinas.

Dispunhamos apenas de monomotores sem características militares definidas, lentos e antiquados.

Hoje, a aviação portuguesa tem trimotores e bimotores de bombardeamento, «caças» de considerável velocidade — abaixo daquelas que a guerra revelou, muito embora — bimotores de reconhecimento e informação e monomotores de treino e instrução.

Temos, conseqüentemente, material conveniente para formar pilotos completos. O Governo reconheceu, todavia, que não

basta o material para completar a instrução de um piloto. São necessários mestres. E, por isso, mandou missões aeronáuticas ao estrangeiro. Uma encarregada de estudos de técnica e orgânica; outras para longos períodos de frequência em escolas de vôo sem visibilidade; outros ainda para aperfeiçoamento em acrobacia aérea, tão necessária ao piloto de «caça». De sorte que, vemos hoje os nossos aviadores voarem com «plafond» baixo sem nos oferecerem o triste espectáculo de se desorientarem, como outrora sucedia com frequência; apreciamos os nossos homens do ar em exercícios de impecável acrobacia de conjunto. Quando da cerimónia culminante das comemorações Centenárias, em Guimarães, uma esquadrilha da Ota foi à histórica cidade nortenha, com núvens quasi coladas ao solo durante todo o percurso, e sobrevoou, quinze minutos, o castelo, que os pilotos nunca avistaram, separados dele por densa camada nebulosa.

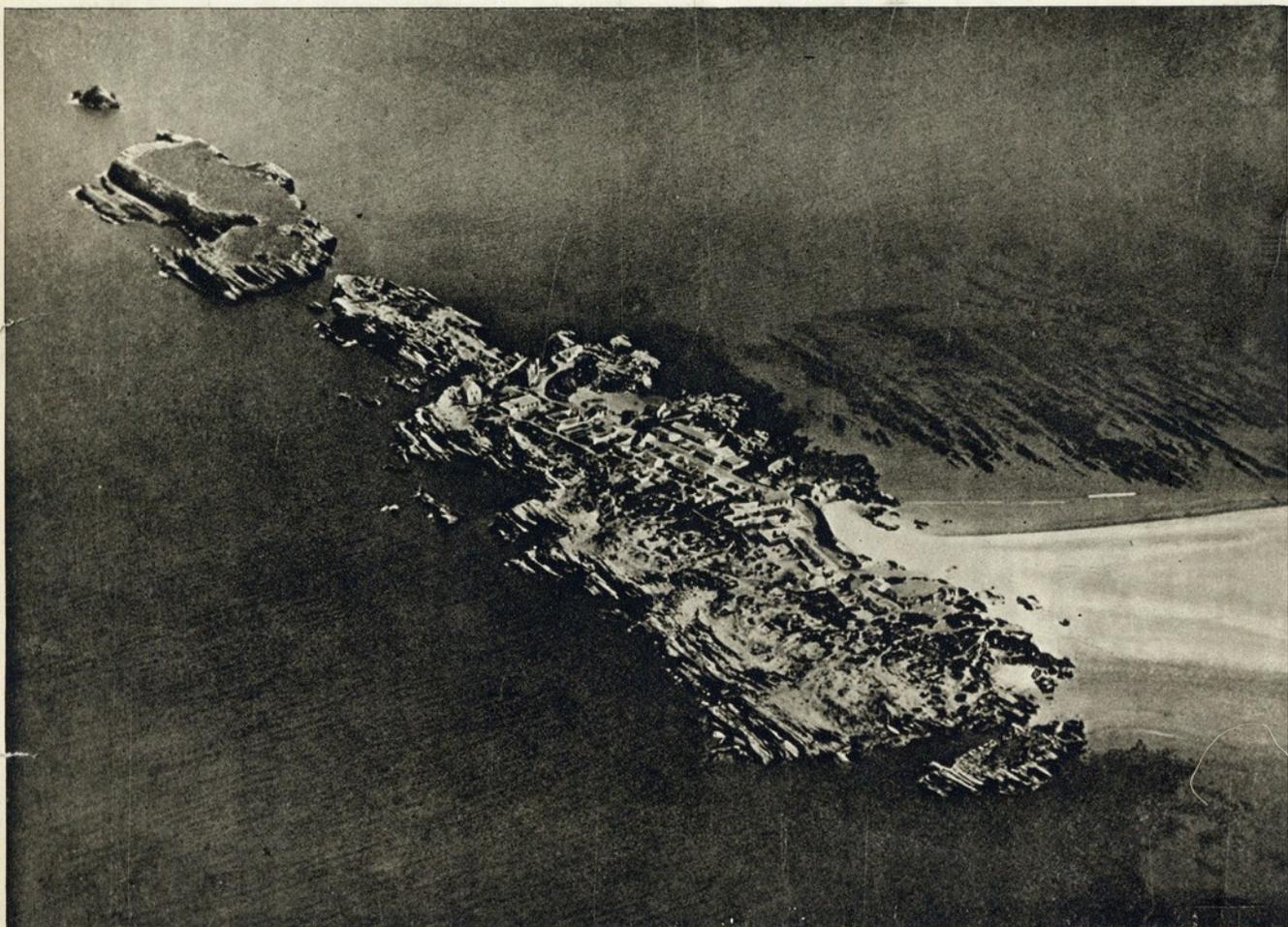
Na inauguração da Base Aérea n.º 2 e noutras festas aeronáuticas, observámos patrulhas de «caça» em evoluções de acrobacia de conjunto que nos surpreenderam pelo vigor e pela elegância das figuras executadas.

Começa a ter-se, entre nós, a consciência das necessidades de uma organização aero-

náutica, senão perfeita, pelo menos que sirva os interesses dos pais. Os oficiais aviadores têm mais vastos recursos ao seu alcance para adquirirem a sólida estrutura que caracteriza o verdadeiro aeronauta. A Escola Prática de Aeronáutica é hoje orientada segundo moldes mais modernos, de forma a permitir que dela saiam pilotos mais competentes e aptos a ingressarem nas unidades que lhes destinam com mais clara consciência dos seus deveres e das suas possibilidades. Abriam-se as portas da Aviação às praças de pré e criou-se o Curso de Oficiais Militares de Aeronáutica. Os oficiais do efectivo que outrora, só podiam ingressar na Aviação depois de concluído o curso da Escola Militar, podem agora fazê-lo ainda durante a frequência daquêle estabelecimento de ensino.

Tudo isto parece insignificante, mas é, na realidade, de extraordinária importância. Obtém-se o aumento indispensável dos quadros moldando-os às necessidades presentes e consegue-se um maior número de pilotos feitos, muito mais jovens. E, é a mocidade que melhor serve a Aviação.

Portugal, por tudo quanto caracteriza a a sua existência de império, deve ser um país de aviadores.



Portugal visto do ar. Numa graciosa «maquette» geográfica, que nos dá uma curiosa visão da praia do Baleal

(foto do tenente-coronel Pinheiro Correia)

O Espírito Cristão paira sôbre o Mundo!

Dir-se-ia sonhado! É um ninho branco, suspenso sôbre o mar, no ossuário imenso da serra que uma vegetação intensa recobre com a verde sinfonia das suas frondes selvagens. Lá em baixo, o oceano calmo e azul, sem uma espuma, terraço lageado de safiras sôbre o qual pairam velas pequeninas, asas de gaiotas que mal afloram as ondas, deixando durante largo tempo uma senda coalhada de gemas e de luz.

Em cima, fraguados vivos, rochas em cutelo, espigões duros, corcovas bizarras, tôda a orografia atormentada da Arrábida que sobe do mar até ao céu, selva densa, emmaranhada, inextricável, onde não há bandeirantes de curiosidade e de paixão.

Dir-se-ia o fim do mundo aquêlo cabo perdido onde não chega voz humana e o vento ora é melodioso como a frauta dum pastor, que não se vê, ora se desgrenha e regouga, aflito, trágico, em cavalgadas de apocalipse.

Mas, um sorriso de cal branca abre-se, inverosímil, na paisagem. É o convento com as suas janelas fechadas à inquietação do mundo, os seus caminhos atapetados de fôlhas sêcas, os seus longos corredores silenciosos, há séculos desertos das sombras brancas dos monges, os seus torreões que erguem as arrendadas grimpas para o sol.

A pequena casa de Deus como que se encosta ao coração da terra para melhor fazer as suas orações. Quem lá mora? O passado com os seus vultos penitentes, as suas lendas doiradas, os seus azulejos historiando vidas edificantes de santos e de mártires.

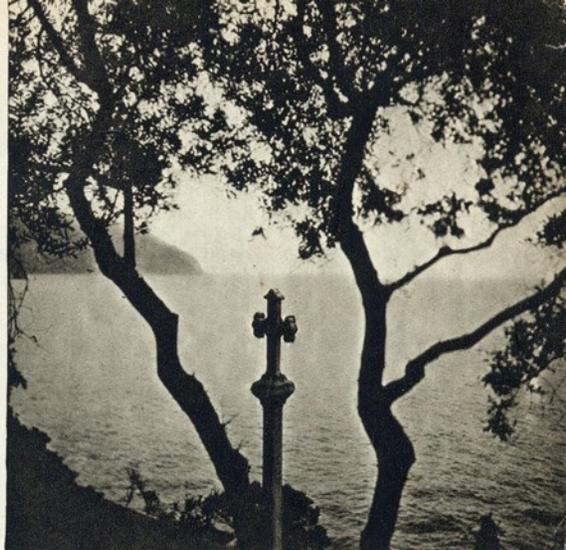
Ali aquela cruz, mensagem de reconciliação divina, emoldurada, rústicamente, pelos braços rugosos duma azinheira. Mais longe um cipreste, lança verde que parece enterrada sôbre a campa de Frei Agostinho da Cruz, que ali orou e meditou durante um quarto de século.

Mais longe ainda, até onde a vista alcança, o mar, sempre o mar, dormente, imóvel, talhado em lápis lazuli, sem uma respiração de cólera, como que rendido, misticamente, aquêlo altar agreste e distante. O espírito cristão paira sôbre o mundo! Ali, como em tôda a parte. Pode por vezes vacilar, hesitar, mas à superfície da terra, mesmo que ela seja um horto de dôr e de paixão, as almas fortes da sua fé, continuam enxergando a luz divina. Não há vendaval que as disperse; até à própria morte resistem!

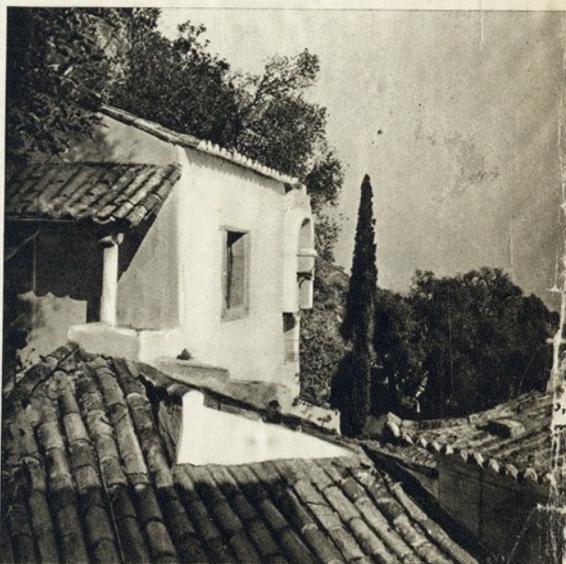
Assim na Arrábida, neste velho trecho da terra portuguesa, montanha sagrada, onde Deus está mais próximo, e no resto do planeta por maiores que sejam as calamidades que o assolem.

Vive sempre, paira sempre, o espírito cristão!

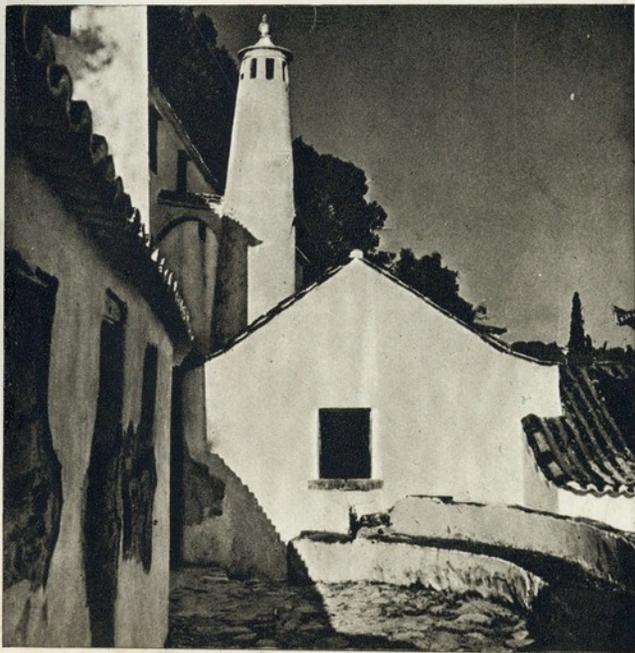
(Clichés do professor Campos Coelho, gentilmente cedidos ao «Mundo Gráfico»)



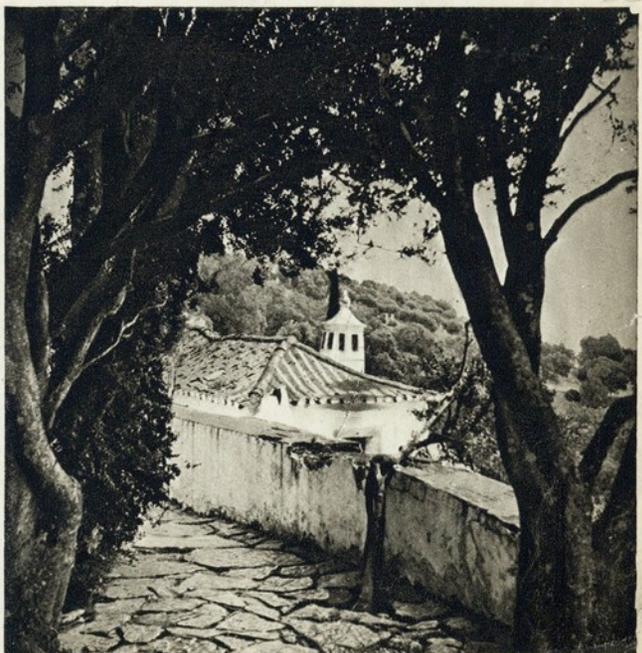
Deus e o Infinito



Uma janela do convento aberta sôbre o mar onde outrora os monges vinham meditar



O sol sorri entre as velhas pedras do convento. É a sua oração da tarde, oração de luz e rústica poesia



Uma senda esquecida do conventinho, com as suas árvores rústicas, sob as velas sandálias dos monges da Arrábida

A ILHA DE MALTA

pelo Rev. H. B. L. HUGHES

A ilha de Malta desempenha hoje um papel análogo ao das Maurícias antes da abertura do Canal de Suez — pórtio de escala a meio caminho da Índia.

A histórica e pequeníssima ilha do Mediterrâneo, com os poucos recursos naturais de que dispõe, não poderia sustentar a sua considerável população se não estivesse unida, há mais de um século, com uma das grandes potências europeias. O movimento constante de navegação e comércio resultante dessa união trás lucros apreciáveis aos habitantes de Malta e, além disso, o arsenal de Senglea proporciona trabalho para muita gente. O excesso da população, todavia — para se manter o actual nível de vida — tem de procurar colocações noutras partes. As famílias maltêsas são geralmente numerosas e, na ilha, não há trabalho para todos. Muitos dos jovens diplomados pela Real Universidade de Valletta são obrigados a procurar outros campos para as suas actividades. É o vasto Império Britânico, de que Malta faz parte, que absorve esse excesso. Na Índia, por exemplo, encontram-se muitos médicos malteses e, recentemente, uma parte da população emigrou para a Austrália, com óptimos resultados.

Logo que foi declarada a Guerra, grande número de malteses alistou-se voluntariamente nas forças britânicas — a maior parte na marinha. E, se bem que os malteses reconheçam que os seus interesses materiais estão intimamente ligados aos da Grã-Bretanha, esse gesto espontâneo de solidariedade teve determinantes mais profundas.

Os malteses constituem uma das pequenas nacionalidades da Europa. Falam uma língua própria e procuram conservar o seu individualismo. Para não serem absorvidos por uma cultura estranha e antagonista precisam dum Estado protector — a Grã-Bretanha.

A-pesar das pequenas dimensões do seu terri-

tório, os malteses têm tradições históricas de que legitimamente se orgulham. Os vestígios pré-históricos da ilha mostram que Malta é habitada desde as mais remotas épocas. A tradição cristã data do primeiro século da nossa Era, quando S. Paulo, segundo narra os «Autos dos Apóstolos», naufragou perto da ilha, em viagem para Roma. Mais tarde, como Portugal, Malta adquiriu um carácter heróico especial, em consequência das lutas constantes entre a Cristandade e o Islão. Os cavaleiros da Ordem Soberana de Malta fizeram da ilha um baluarte contra os Sarracenos, que as massiças fortificações de Valletta ainda hoje testemunham. Alguns dos problemas mais importantes da Europa foram decididos em Malta. Os retratos dos Grão-Mestres da famosa Ordem Militar, nos salões nobres do Palácio, e os «Auberges», que ainda se encontram em várias partes da cidade e onde se alojavam os cavaleiros castelhanos, aragoneses, provençais e bávaros, mostram bem os interesses cosmopolitas que ali se debateram.

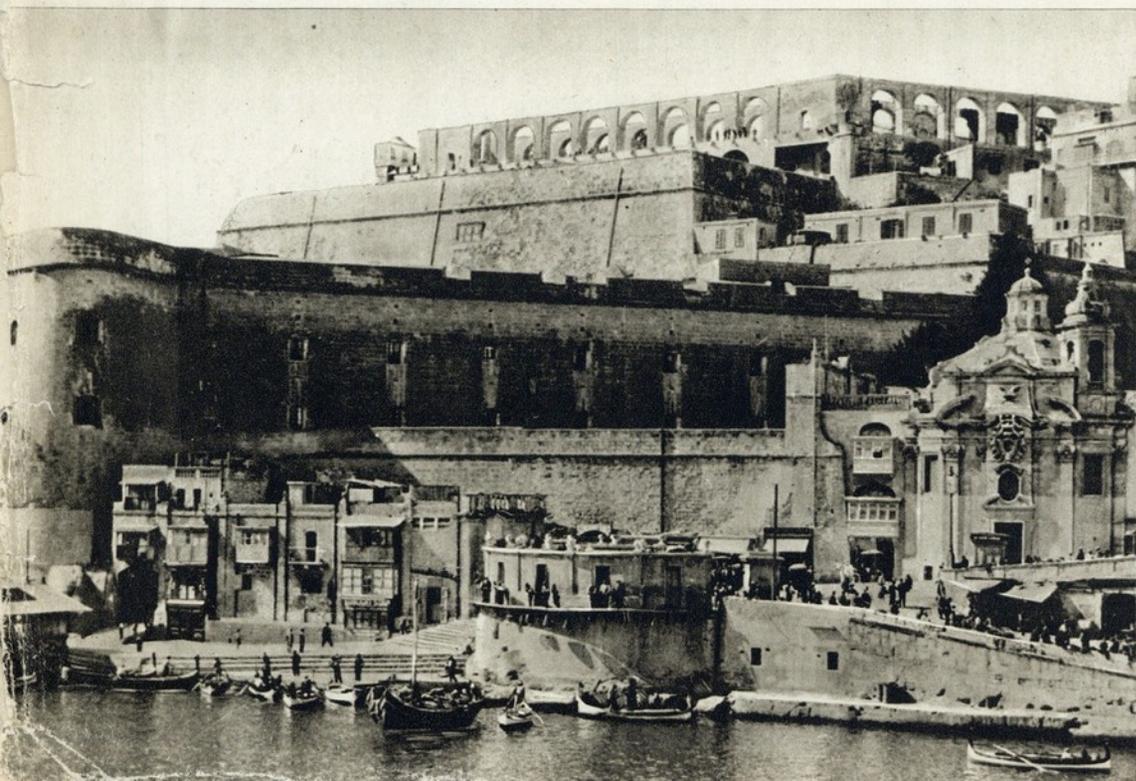
Por um subterfúgio de Napoleão, os Cavaleiros foram destituídos do governo da ilha. Logo depois, o dominador procurou destruir o nacionalismo maltês impondo leis e costumes estranhos. Muitos dos antigos monumentos da Ordem foram mutilados pelos franceses que, assim, pretendiam quebrar o fio da tradição histórica. Os malteses recorreram, então, ao auxílio da Grã-Bretanha. Assim como Portugal colaborou com Wellington para derrotar os exércitos de Napoleão, Malta uniu-se a Nelson para combater nos mares as armadas do grande corso que ameaçavam apagar completamente o nacionalismo da ilha e disvirtuar a sua história.

Razões económicas não permitiam que se mantivesse o estado de soberania. Por isso, os malteses optaram pelo Império britânico. Uma placa no Largo do Palácio, em Valletta, comemora a data em que no começo do século passado, Malta

pediu para ficar sob a protecção de Sua Magestade Britânica. Desde os tempos de Sir Thomas Maitland — que primeiro organizou Malta como Colónia da Coroa — até o presente, a ligação com a Grã-Bretanha tem produzido benéficos resultados. Em primeiro lugar, ajudou o conservar as qualidades ráticas dos habitantes. Como católicos, os malteses foram protegidos das vagas sucessivas do anti-clericalismo político, que tanto mal causaram nos vários Estados do Mediterrâneo.

A herança inexgotável da cultura inglesa está patente a qualquer jovem maltês de inteligência normal e disposição para o estudo. Todos os anos, nas férias grandes, um grupo de alunos do Liceu do Estado faz uma viagem gratuita à Inglaterra para frequentar os cursos de férias. Muitas vezes, vão acompanhados pelo próprio Ministro da Educação. Perto de Valletta, está situado o Colégio de Santo Eduardo, organizado segundo os moldes dos grandes colégios católicos ingleses. Encontram-se antigos alunos desta instituição em variadíssimos ramos do funcionalismo. Os professores da Real Universidade têm diplomas académicos ingleses e, ultimamente, pelo estabelecimento dum Instituto Britânico, foi proporcionado ao público a oportunidade de estudar mais intimamente a cultura moderna inglesa. «The Times of Malta», o diário mais importante da ilha, dedica uma página inteira, dos seus números de domingo, à crítica dos últimos livros ingleses.

O povo de Malta mostrou a sua solidariedade com o resto do Império, correspondendo galhardamente as necessidades do momento presente. Quando às névns de guerra se dissiparem, a mocidade de Malta e da Inglaterra reconhecerá que a dura provação não foi sem proveito. Pode esperar-se que no futuro os destinos da raça maltesa fiquem ainda mais unidos aos dos restantes povos do Império Britânico.



Um trecho das velhas muralhas de Malta, em cujas pedras se vêem ainda as siglas dos cruzados que as edificaram

Lisboa, capital da moda

Lisboa, com a guerra, converteu-se na capital da moda. Tôdas as capas dos magazines femininos desfilam agora nas ruas da cidade. Dir-se-ia mesmo uma parada de figurinos vindos de todos os grandes centros de elegância europeia, a que não falta, sequer, a nota exótica, ou o apontamento humano de bizarra beleza.

Lisboa, que era uma cidade de mulheres bonitas que nem sempre se sabiam vestir, parece, neste doirado fim de outono, o salão dum costureiro famoso da Rua de la Paix. Já não há necessidade de ir buscar vestidos a Paris. Vem pelo comboio — naturalmente, nos seus modelos vivos. Este contacto com o mundo internacional de graça feminina, as suas desvairadas fantasias, os seus complicados arrebiques, dá à mulher portuguesa, tão sensível ao gosto e tão exigente e requintada na harmonia do traje, uma visão mais longa e directa da indumentária, embora dentro da originalidade que a distingue.

Apareceram os primeiros penteados «à guerreira», de madeixas repuxadas ao alto da cabeça, sem chapéu, o que dá à mulher como que a totalidade do seu encanto. Descobrem-se assim testas altas e frêscas, olhos mais fundos e apaixonados, e os rostos como que adquirem outra expressão mais viva e insinuante, descobertos em tôda a sua beleza. O salto alto desapareceu. Deceu um andar, de sorte que o passo feminino tornou-se mais ágil, mais ligeiro, num compasso gracioso de «ballet» esboçado.

As sêdas estampadas, de complicados arabescos, jardim chinês tatuado de lisonjas sucedeu a côr uniforme, o tom mate de marfim, a meia tinta do outono que aquece as epidermes doiradas, dando-lhes mais luminosidade.

Em New-York, custeiras audaciosas lançaram a moda das nações. Cada mulher veste-se com as côres da bandeira do seu país, espécie de passaporte, visualmente identificável. É possível que esta capitosa assembléia internacional chegue qualquer dia a Lisboa, na carlinga prateada do «Clipper».

A lisboeta, porém, não aceita todos os decretos da moda. Alguma coisa a distingue das outras mulheres, sendo sempre portuguesa — as estêr-las dos seus olhos negros, a sua graça humilde enfeitada de doçura e harmonia das suas formas donairosas.

A moda passa, Chiado abaixo, na cadeia sem fim da multidão, abrindo clareiras de elegância, por vezes, mesmo, de sumptuosidade.

Um lindo vestido nem sempre é uma linda mulher. No entanto, há uma aproximação entre ambos. Uma cumplicidade. E que não se riam de orgulho as rosas ducais de beleza, que passam com o diadema de ouro dos seus cabelos; há também violetas humildes que, no seu perfume, no roxo namorado e triste das pétalas pequeninas — onde cabe um beijo — são como que um acorde de graça inocente e casta!



A moda de Outono. Uma graciosa lisboeta tão elegante como uma parisiense vestida pela rua de La Paix



«Footing» na Avenida da Liberdade. Nove horas da manhã. O primeiro sorriso sobre Lisboa



As portuguesas já se acostumaram a andar sem chapéu. O novo hábito revela-nos novos penteados



Uma refugiada francesa, com o seu vestido branco, de linhas geométricas, e sem chapéu

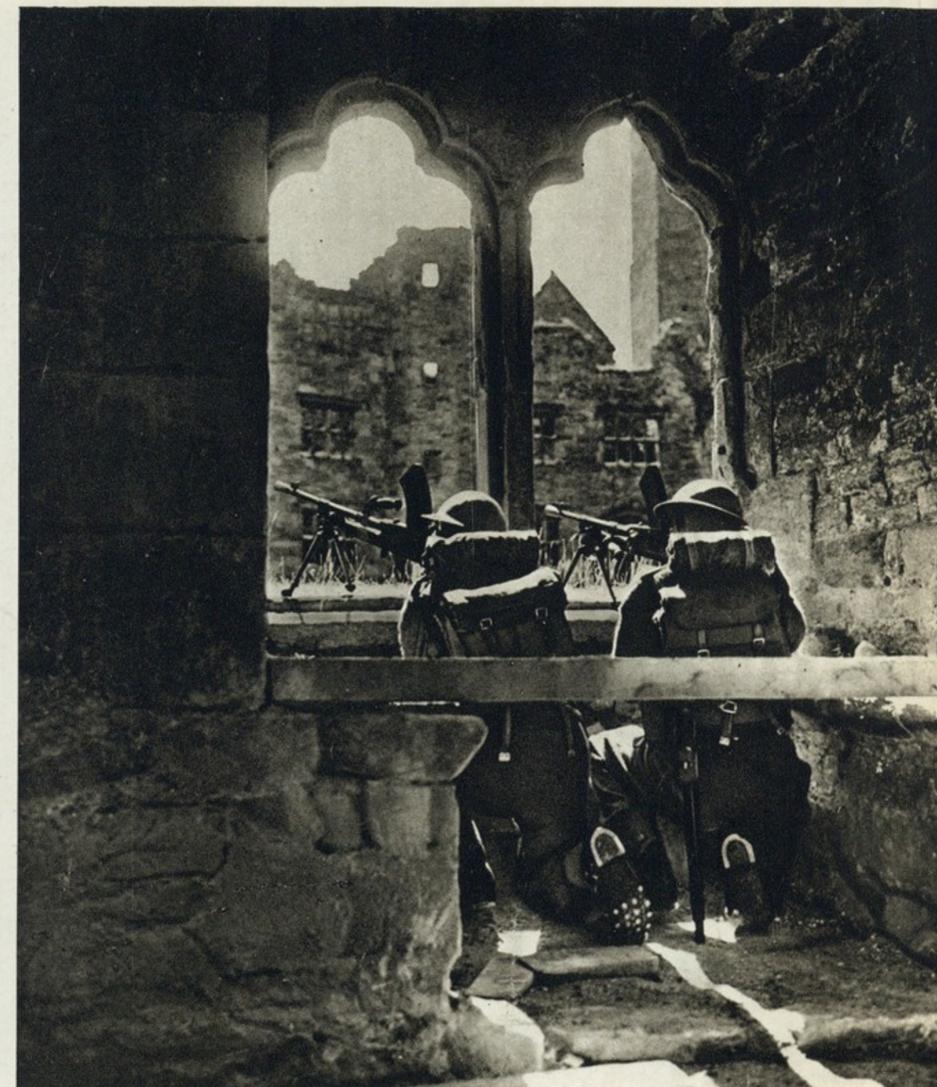
REFLEXOS DA GUERRA



Algures, na costa sudoeste da Inglaterra, a artilheria real está pronta a entrar em acção. No abrigo, o sargento barbeia-se tranqüilamente



Ernest Finch extinguiu, com perigo de vida, quatro bombas incendiárias e salvou uma mulher e duas crianças



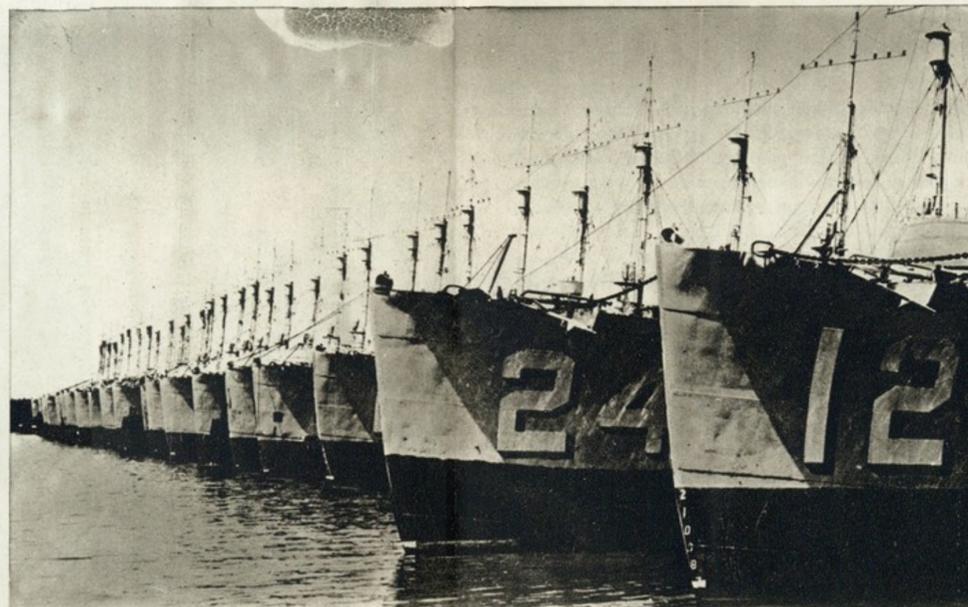
Num velho castelo, vêm-se agora estes dois metralhadores vigiando uma importante via de comunicação



Neste abrigo intacto, uma mulher faz tranqüilamente jardinagem



Carregando fitas de metralhadoras para um «Spitfire»



A Inglaterra tem hoje cerca de mil navios de guerra. Eis alguns dos 50 torpedeiros que os Estados Unidos agora lhe cederam



O anverso e o reverso da medalha da Ordem do Império Britânico, criada recentemente pelo Rei Jorge VI



Uma estátua de Carter Preston, que decora um dos arcos da nova Catedral de Liverpool



Florence Nightingale, numa admirável expressão plástica, que se admira numa das praças de Londres

ESCULTURA MODERNA

DE STEVENS A EPSTEIN

MENTIRA, quando se diz que a Inglaterra não é um país de arte! Lá porque não espècula com propagandas vistosas, como os outros povos de espalhafatosas retóricas, a propósito dos seus museus — dos mais ricos e invejados da Europa — nem com a obra dos seus artistas — só o século XVIII e os Prérafaelitas enchem um volume de História da Arte —, não quer isso dizer que não seja um país de poetas, de músicos, de pintores. O próprio *Salon* anual da Royal Academy, elegante e equilibrado, é uma festa de gôsto, de tradição e de sabedoria.

O segrêdo emocional e técnico da aguarela é muito seu; a intuição do retrato, predicado de prespicácia e visão, pedra de toque nas dificuldades plásticas, é também sua característica; a fantasia intelectual e sensível dum Blake, dum Turner, dum Wisthler — inglês cem por cem — ou dum Brangwyn, só poderia ter nascido ali nas brumas misteriosas e sugestivas daquela "Ilha da Europa".

Escultores sempre os teve, distintos na sua estética nacional, correctos no saber, pessoais na forma e exuberantes na concepção. As antigas figuras tumulares, bronzes heráldicos e severos, assim como as viris estátuas de Stevens, de Frederick Watts, de Lord Leighton ou mesmo as mais recentes de Jagger, de Gilbert Bayes ou de Millan, são padrões dignos de museu, que a National Gallery, de resto, já esquivou em parte.

Entre os mais modernos, tão originais e audazes como os estrangeiros, decorativos por vezes, mas sempre respeitáveis, destacam-se os nomes de uma dúzia deles — e mais duma dúzia não possui qualquer outro país: — Dora Gordine, Allan Howes, Barney Seale, O'Counor, Sargent, Lambert, Eric Kennington, Wheeler, Moore, Eric Gill, Skeaping...

Epstein, também inglês no espírito quanto é hebraico na alma, é outro grande nome internacional, que se fixa na nossa sensibilidade, ainda que se não concorde com a expressão agressiva da sua obra.

E ainda Dobson, persistente na *recherche du caractere*, seguindo as correntes mais avançadas e mais exigentes, vário na forma por desejos de descobrir novas verdades, construtor sólido e sério, tão sério como os clássicos ou os matemáticos, mas muito mais humano na vida que imprime às suas obras, procurando definir o carácter individual dos modelos, merece não ser esquecido nestas breves linhas, cujo fim é desfazer a lendária opinião de que a Inglaterra, terra de negociantes, diplomatas e de *spleen*, não é um país de arte.

Provado está nesta hora de ansiedades e martírios, que a Grã-Bretanha é um poço sem fundo de inesperadas e fortes novidades.

DIOGO DE MACEDO

OS ESTADOS UNIDOS PREPARAM O SEU EXÉRCITO DO AR



*O primeiro exercício de um paraquedista.
Um salto em altura para aprender a cair*



*O paraquedas desdobra-se lentamente, com as suas
extremidades deslizando ao longo de espigas de aço*



*Os alunos paraquedistas lançam-se, depois, do
alto das torres metálicas que se vêem à direita*

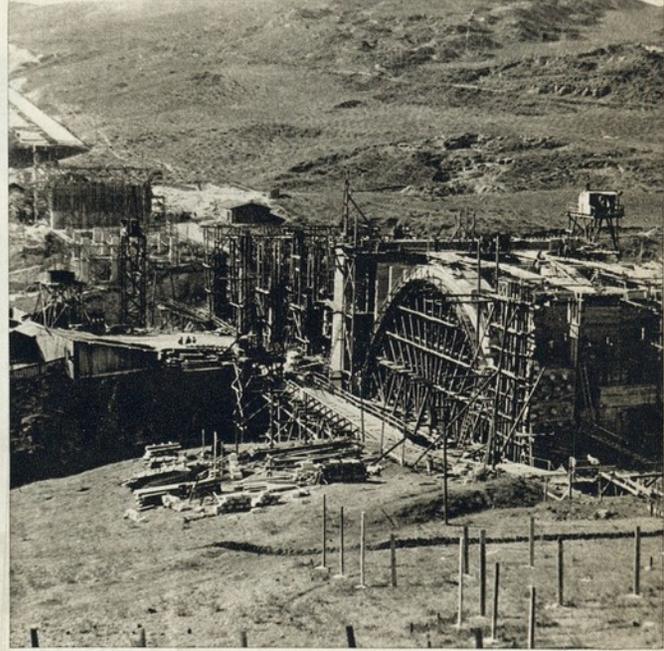


*A aviação também tem artistas. Na tela imensa do
ceu, os «caças» compõem transcendentais desenhos*

PORTUGAL TRABALHA CONSCIENTE DO SEU DESTINO!



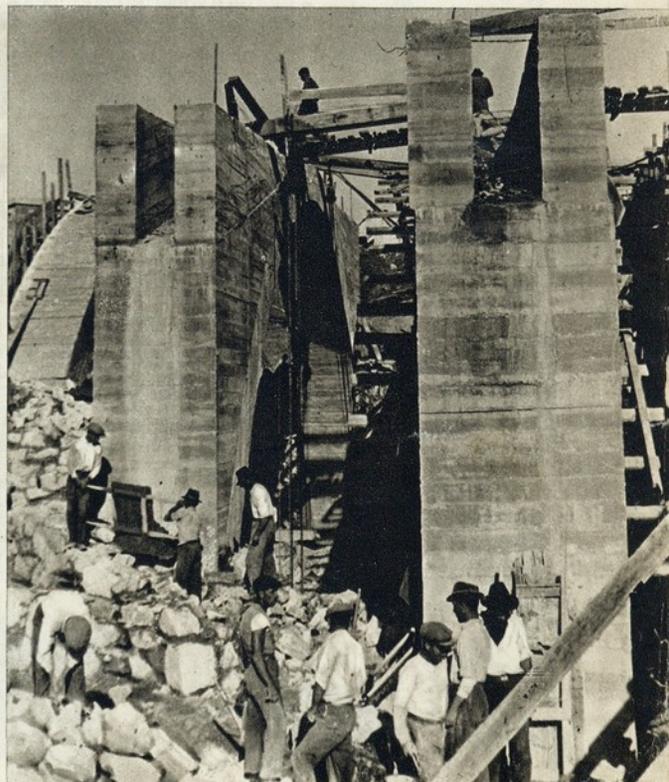
Uma das voltas da ponte da rua do Arco de Carvalhão



Um aspecto do viaduto do vale de Alcântara, por onde passa a auto-estrada



O braço poderoso do homem, numa expressiva imagem de energia



Os arcos, já delineados na sua estrutura de cimento, a sua robusta construção

CINEMA

Primeiro plano...



Shirley Temple, a menina prodígio dos contos de fadas e das diabruras do cinema, venceu todos os records da sétima arte, vocação, talento, honorários, popularidade e êxito, mas foi derrotada pela idade. Hoje, já taludinha, retira-se do écran, em plena juventude, com menos de 15 anos, como uma vedeta que tivesse 50... Mas os realizadores, que são dumha prodigiosa inventiva e têm uma catalogação universal dos tipos ideais para o cinema, descobriram outra que é tal qual ela. Dir-se-ia uma irmã gêmea. O mesmo sorriso com 32 pérolas, os mesmos caracóis loiros, a mesma graça fresca e inocente, que nasceu, não na América, como seria natural, mas na Inglaterra. Chama-se Binkie Stuart, tem 4 anos, e Lisboa vê-la-á interpretando «Little Miss Somebody». Comparem, e se as fotografias são exactas na semelhança, nasceu, na verdade, uma outra Shirley. A interprete do «Pássaro Azul» continua a viver numa suprema e, talvez, radiosa encarnação.

A época cinematográfica começa quando o vento se encarrega de despir, voluptuosamente, as árvores. E por altura dos troncos estarem nus e magros é que surgem os melhores filmes. As folhas estão a cair agora. Amarelas, desbotadas, vão rolando para o chão... Amanhã, estarão completamente secas, pisadas por aqueles descuidados que passam apressados com receio talvez de ficar sem as roupas, numa nudez tão tristonha como aquela da Natureza. E ninguém se lembrará delas — como ninguém se lembrará dos primeiros filmes da temporada.

A época começou agora. Quais as sensações que ela nos traz? «Big hits», «Smashes», coisas loucas? ... Acenam com títulos de filmes sensacionais saídos daquela enorme fábrica de espetáculos de celuloide que é Hollywood. Este ano os americanos serão os ditadores. Mas, a-pesar da sua preponderância se anunciar total, filmes há que decerto não veremos. E desses só tenho pena da última obra de Charlot, desse artista atrasado, retardado, desse homem que perdeu a oportunidade em cinema — mas ganhou-a na vida.

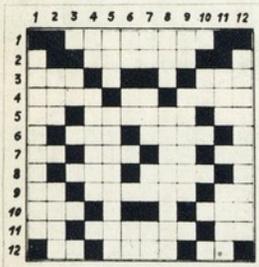
O cinema falado constituiu para a sua arte uma prova difícil. Embatucou diante dele como um cavalo que se recusa saltar a primeira sêbe, numa corrida de obstáculos. Os outros saltaram. Êle ficou a tomar balanço. E, quando se decidiu, já os outros haviam feito a primeira volta...

Dizem-me que Charlot resolveu falar. Talvez na mesma lingua ininteligível com que já o ouvimos cantar. Ela servir-lhe-á, maravilhosamente, para dizer coisas terríveis sobre os sistemas que quere alvejar. No entanto, acho que é uma covardia da sua parte não falar em bom inglês, o inglês do velho Will e do novo Walpole. Ou as coisas terríveis e brilhantes, que tem a dizer, não são nem brilhantes e tem medo que a sua inteligência fique em cheque ante o julgamento público?

As vezes, quando penso nisto, tenho pena dos tempos do Charlot de outrora, que a gente sabia ter sido cómico de «vaudeville», ter passado fome, ter sido explorado pelo Mack Sennett...

Augusto Fraga

PLANOS DE CONJUNTO



PROBLEMA N.º 1 HORIZONTAIS

1 — Local onde se travou uma grande batalha em que as tropas napoleónicas foram derrotadas. 2 — Móveis embarcações. 3 — Prepos. e artigo (pl.); caminho. 4 — Anda à roda; génio; via férrea. 5 — Nota musical; vestuário de cerimónia para homem; prefixo árabe. 6 — Deus (ingl.); guarda (ing.). 7 — Pron. pessoal; patranha; graça; prefixo de negação. 8 — Artigo (ingl.); rei (ingl.). 9 — Mulher acusada; génio do amor, que vive nas águas; conjugação (franc.). 10 — Caminho (subst.); gosto. 11 — Aspecto; famoso almirante inglês; prefixo de negação. 12 — Artigo (pl.); o mesmo que «vamos»; caminhar.

VERTICAIS

1 — O mais poderoso império do mundo. 2 — Dama de companhia; vento de Leste. 3 — Senhor (abrev.). 4 — Viração; recebo. 5 — Cúti; tornei um tanto doente. 6 — Preposição; campeão; duas letras de «lemer». 7 — Batráquio; séguas; sílaba de «kilo»; isolado. 8 — Lírio; afaços. 9 — Artigo (pl.); barranco. 10 — Caminhava. 11 — Claridade do Sol; chefe de algumas tribus musulmanas. 12 — Glorioso general inglês.

Ficam sabendo que Judy Garland é distraída. Há dias aconteceu-lhe uma coisa em Hollywood que foi o «caso do dia». Como é costume, foi a pé de manhã para o estúdio. No caminho, porém, todos olhavam para ela. «É de que maneira? Seria possível que a sua fama tivesse aumentado tanto de um dia para o outro?» Era isto que Judy Garland pensava, quando resolveu tomar um «táxi».

Imaginem agora o seu espanto quando ao chegar ao estúdio lhe disseram que havia calçado um sapato branco e outro preto...

Não diz, todavia, a fonte de origem desta notícia, se o engano de Judy resultou numa nova moda.

Uma esposa que nunca visita o marido quando está a trabalhar é mrs. Fred Mac. Murray. O motivo é simples: Fred diz que se estivesse a mulher ao lado dele quando filma não se sentiria à vontade, especialmente nas cenas de amor.

Calcule-se o espanto daquele artista que, ao terminar uma dessas cenas com Jean Arthur, descobriu entre as figurantes sua própria esposa!

Havia sido, nada mais nada

menos, do que uma partida do realizador Wesley Rugless...

«Four Sons» é uma história que se passa durante a ocupação da Checoslováquia pelos alemães. Dizem ser um documento forte da guerra actual e que terá como protagonista Don Ameche, artista que foi durante oito anos o principal «astro» de rádio e hoje é um dos mais apreciados artistas cinematográficos.

Errol Flynn e Miriam Hopkins não se «ligam» bem nos seus génios. Fazem até «vista grossa» quando passam um pelo outro. Exigências dos seus contratos, porém, levaram a reuni-los no filme «Virginia City». Artistas disciplinados — não discutiram. Apenas se falavam em cena. O que é engraçado é que numa cena amorosa o pessoal do estúdio ficou abismado com o entusiasmo que puzeram na representação.

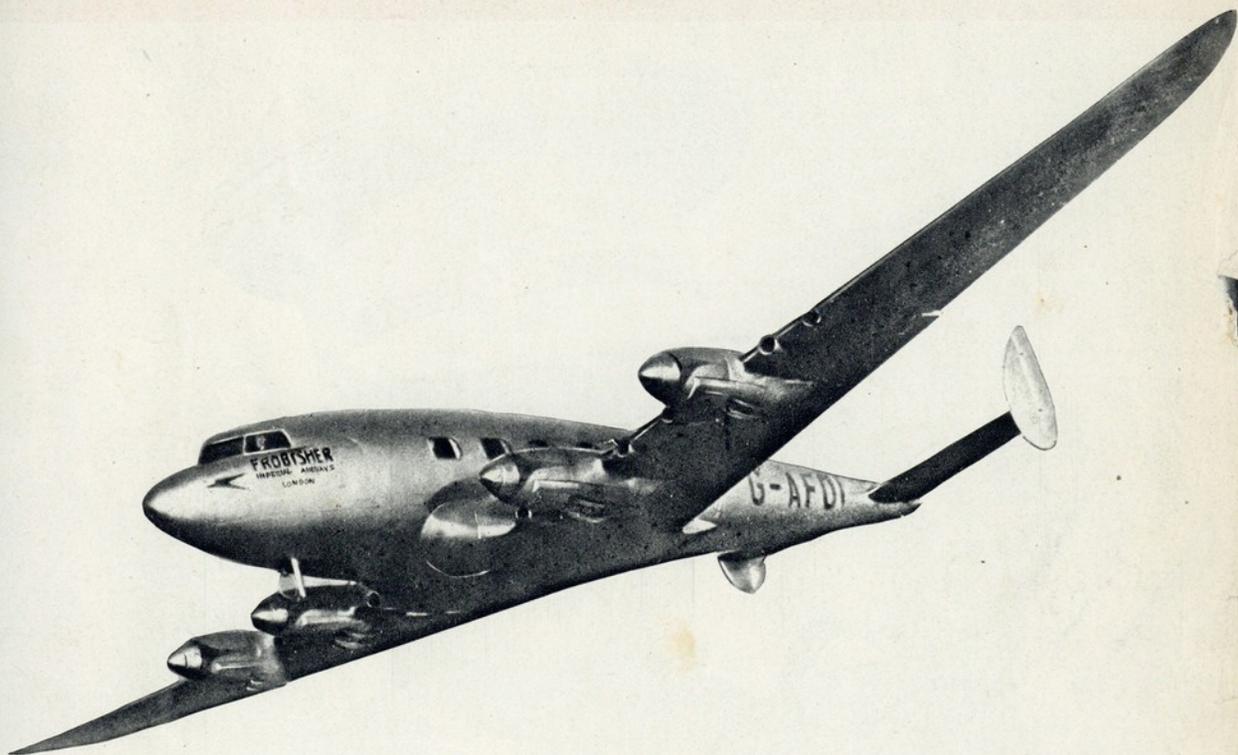
E ao ser felicitada, Miriam teve esta boa saída:

— Fui tão amorosa que aposto que julgaram que eu era a minha «dupla»!

O filme inglês «Pack Up Your Troubles», que será, brevemente, exibido em Lisboa



OS VELHOS AMIGOS SÃO OS MELHORES



A Portugal — o mais antigo aliado da Grã-Bretanha — a Grã-Bretanha oferece os meios de transporte mais modernos. É natural que a Grã-Bretanha continue a manter os serviços para Portugal e vice-versa durante esta guerra — a maior da história — estreitando dest'arte os laços que sempre uniram estas duas nações. A viagem de Lisboa a Londres leva somente poucas horas. Transportam-se passageiros malas e frete. Viagem de avião — é rápido, confortável e conveniente — e reflete a importância de V. S. e do seu negócio

A passagem simples é de 2.750 escudos. Demais informações do representante da BRITISH OVERSEAS AIRWAYS, a/c James Rawes & Co., Rua Bernardino Costa 47, Lisboa; E. Pinto Basto & Cia. Ltda., Avenida 24 de Julho 1, Lisboa e todas as agências de viagens importantes

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS



MUNDO GRÁFICO



O capitão
Anthony Eden,
Ministro da Guerra
do Governo
Britânico